

A importância da geografia para o turismo: uma análise do conceito de risco

Janine Le Sann (UNÁ) jlesann@hotmail.com

Resumo

Reflete-se sobre as contribuições da Geografia nos estudos de planejamento de atividades turísticas. Apresenta-se e discute-se o conceito de risco, presente nos estudos geográficos desde o final da década de 90. A catástrofe que afetou a Ásia do Sul, região com fortes atrativos turísticos, em 26 de dezembro de 2004, reforça a importância desse conceito, integrado aos estudos visando ao planejamento de atividades turísticas, assim como, dos métodos de pesquisa e representação, ligados ao entendimento, à divulgação e à avaliação da amplitude e das prováveis consequências de riscos ambientais, em diversas escalas. Assim, a leitura, a análise e a interpretação de diagramas, cartas e mapas, de imagens de satélite e de fotografias aéreas devem fazer parte da formação dos turismólogos interessados no planejamento de atividades turísticas, em escalas locais e regionais.

Turismo. Risco. Métodos da geografia aplicados aos estudos turísticos.

1. Introdução

O geógrafo francês Yves Lacoste publicou, no ano de 1976, a obra intitulada “La géographie ça sert, d’abord, à faire la guerre”. Nessa obra, o autor demonstrava que os norte-americanos usaram teses de doutorado de geógrafos franceses para planejar seus ataques ao delta do Rio Vermelho, no Vietnã, em 1972. O mapeamento detalhado da rede hidrográfica do delta possibilitou-lhes planejar os bombardeios sobre locais, aparentemente, “neutros”, mas com o objetivo de enfraquecer os diques de modo que, sob o grande afluxo de água na época das monções, esses arrebentassem e, conseqüentemente, provocassem uma catástrofe “natural” com a inundação do delta, palco dos afrontamentos.

A catástrofe que afetou a Ásia do Sul, região com fortes atrativos turísticos, em 26 de dezembro de 2004, reforça a importância do conceito de risco, integrado aos estudos visando ao planejamento de atividades turísticas, assim como, dos métodos de pesquisa e representação, ligados ao entendimento, à divulgação e à avaliação da amplitude e das prováveis consequências de riscos ambientais, em diversas escalas.

2. Geografia, o que é? Duas propostas conceituais.

2.1. Geo-grafia

O termo Geografia, do ponto de vista etimológico, é entendido como representação (“grafia”) da Terra (“Geo”). Essa definição, embora pareça bastante simples, encerra considerações extremamente abrangentes e complexas. O significado do termo “grafia” extrapola, em muito, a escrita, o desenho, como por exemplo, a simples elaboração de um texto ou de um documento cartográfico. Qualquer representação, seja ela realizada por meio de texto, tabela de dados, desenho, fotografias ou imagens, deve ser apreendida, “interiorizada”, por quem busca desenvolver competências no saber-fazer geográfico. De la Garanderie descreve esse processo assim:

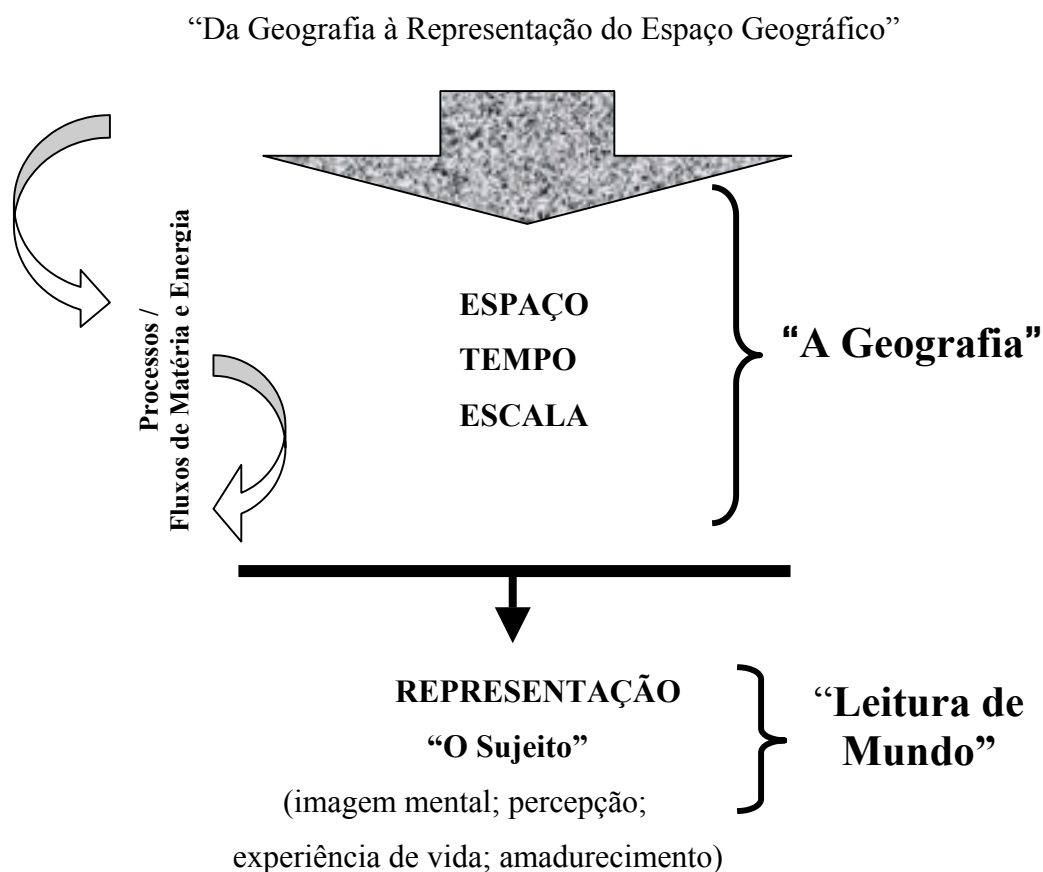
Entre a percepção das coisas e suas designações por palavras se situa a reprodução mental dessas. É reproduzindo-as na mente que se lhes dá o estatuto mental, que se pode compará-las entre si, apreender-lhes as arestas, as estruturas essenciais, fazê-las mexer-se em direções determinadas. (DE LA GARANDERIE, 1984, p.89)

É importante salientar que o ato de apreender é possível, apenas, na medida em que um indivíduo desenvolve uma representação mental acerca do seu objeto de percepção. Esse ato de apreender não é exclusivo da Geografia, está presente na aquisição de qualquer conhecimento da vida cotidiana. Esse ato se completa no momento em que o indivíduo associa esse novo conhecimento a saberes, anteriormente, adquiridos (PIAGET & INHELDER, 1977).

Partindo do princípio, já exposto, de que a “grafia” extrapola a mera representação escrita ou gráfica, deve-se refletir acerca do objeto a ser representado. Na Geografia, esse objeto é definido: o “Geo”. O significado do termo “Geo” não se limita, meramente, à concepção de “superfície terrestre”. O “Geo” se refere tanto aos objetos distribuídos no espaço geográfico, quanto aos processos naturais e socioculturais/tecnológicos envolvidos na produção desse espaço. Esses processos são caracterizados por uma intensa dinâmica que se manifesta em diferentes escalas temporais e espaciais. Nessas considerações, encerra-se a essência da Geografia.

O espaço e o tempo, no contexto geográfico, podem ser mais bem evidenciados, a partir de um exemplo. Tomando-se como referência o estudo de um meio urbano, particularmente de uma região metropolitana, a sua caracterização comumente irá se referir à grande diversidade dos seus equipamentos, suas múltiplas funções e sua área conurbada, dentre outras. Essas características se referem a uma imagem estática e visam a apresentar a localização dos diversos equipamentos urbanos, bem como sua função, por exemplo, uma

área hospitalar, residencial, industrial, comercial, de lazer, etc. O dinamismo do meio urbano será evidenciado, apenas, no momento em que forem introduzidas as dimensões temporal e escalar no estudo realizado. Conseqüentemente, podem ser considerados como conceitos estruturadores da Geografia o espaço, o tempo, a escala e a representação. O processo de aquisição do conhecimento geográfico é ilustrado na figura 1.



(Fonte: LESANN, J. G.; VALADÃO R. C. 2003.)

Figura 1: O processo de aquisição do conhecimento geográfico.

2.2. Geografia: espaço, paisagem, lugar e território.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil, em 1997, consideram-se como conceitos estruturadores de Geografia, espaço, paisagem, lugar e território. Esses conceitos se originaram nas linhas de pesquisa da ciência geográfica desenvolvidas nas instituições de Ensino Superior e suas pesquisas. Assim, o espaço é reconhecido como objeto principal de estudo da Geografia desde seu início, no século XIX (por Vidal de La Blache, 1922). A Geografia da Percepção (Cf. Frémont, 1976) valorizou a apreensão e a compreensão das *paisagens*. O estudo do *lugar* foi privilegiado na

linha de pesquisa desenvolvida a partir da década de 70, com os estudos de Topofilia (entre outros, Yi-Fu-Tuan, 1976). A abordagem do espaço geográfico pelo viés do *território* é própria da Geografia Crítica e da Geografia Política (entre muitos outros, no Brasil, Milton Santos, nos anos 70).

Percebe-se que esses conceitos são relativos ao conceito principal de espaço, percebido em escalas diferentes, com abordagens diferentes. Portanto, essa definição de Geografia constitui parte e aprofundamento da anterior.

3. Do espaço imaginado ao espaço vivido

A motivação do turista, para viajar ou procurar atividades de lazer fora de seu lar, tem sua origem nas paisagens vistas em filmes, reportagens de emissoras de televisão, folhetos especializados, outdoors, revistas, nas fotografias das viagens de colegas de serviço, sonhos antigos, etc. Começa com uma idéia, uma representação mental carregada das expectativas, dos gostos, da cultura do futuro turista. Ou ainda, por exemplo, a partir de uma oportunidade de conhecer lugares diferentes, num contexto de trabalho tais como congresso, convenção, visita técnica, entre outros.

As atividades turísticas desenvolvem-se no espaço real, denominado *Paisagem turística*, ou ainda, *Lugar turístico*, conceitos reconhecidos como pertencentes ao domínio de conhecimento da Geografia. O adjetivo *turístico* refere-se às características específicas do espaço, que tornam uma paisagem ou um lugar, dignos de interesse de turistas. Todavia, essas características são, essencialmente, culturais.

Alguns lugares tiveram um reconhecimento mundial, mas quem conheceu as cataratas do Niagara e do Iguaçu, pode ter opiniões diversas quanto ao grau de interesse turístico de cada uma. Tecnicamente, seu interesse é devido à amplitude de suas quedas de níveis: 50m e 70m, respectivamente. Ambos os rios correm em canyons cujo valor paisagístico atrai, anualmente, inúmeros visitantes. Portanto, do ponto de vista do turista, são lugares mais, ou menos, bonitos, exóticos, impressionantes, valorizados, bem equipados, etc. Ou seja, esses lugares são percebidos pelas suas características subjetivas, ligadas a valores culturais e a experiências de vida diferentes para cada uma das pessoas que, num primeiro momento, os imaginaram e, num segundo momento, os vivenciaram. É nessa interface que ocorre o planejamento turístico chegando, entre outros objetivos, a tornar a vivência do turista a mais agradável possível, às vezes, independentemente, das reais qualidades do lugar como objeto turístico.

O geógrafo vê nas cataratas acidentes topográficos em cursos de água, provocados por falhamento das rochas que formam os leitos dos rios Niagara e Iguaçu, que despertam interesses econômicos com relação à produção de energia, ao seu potencial turístico, à geração de empregos diretos e indiretos, aos seus potenciais para o desenvolvimento de agricultura irrigada, entre outros.

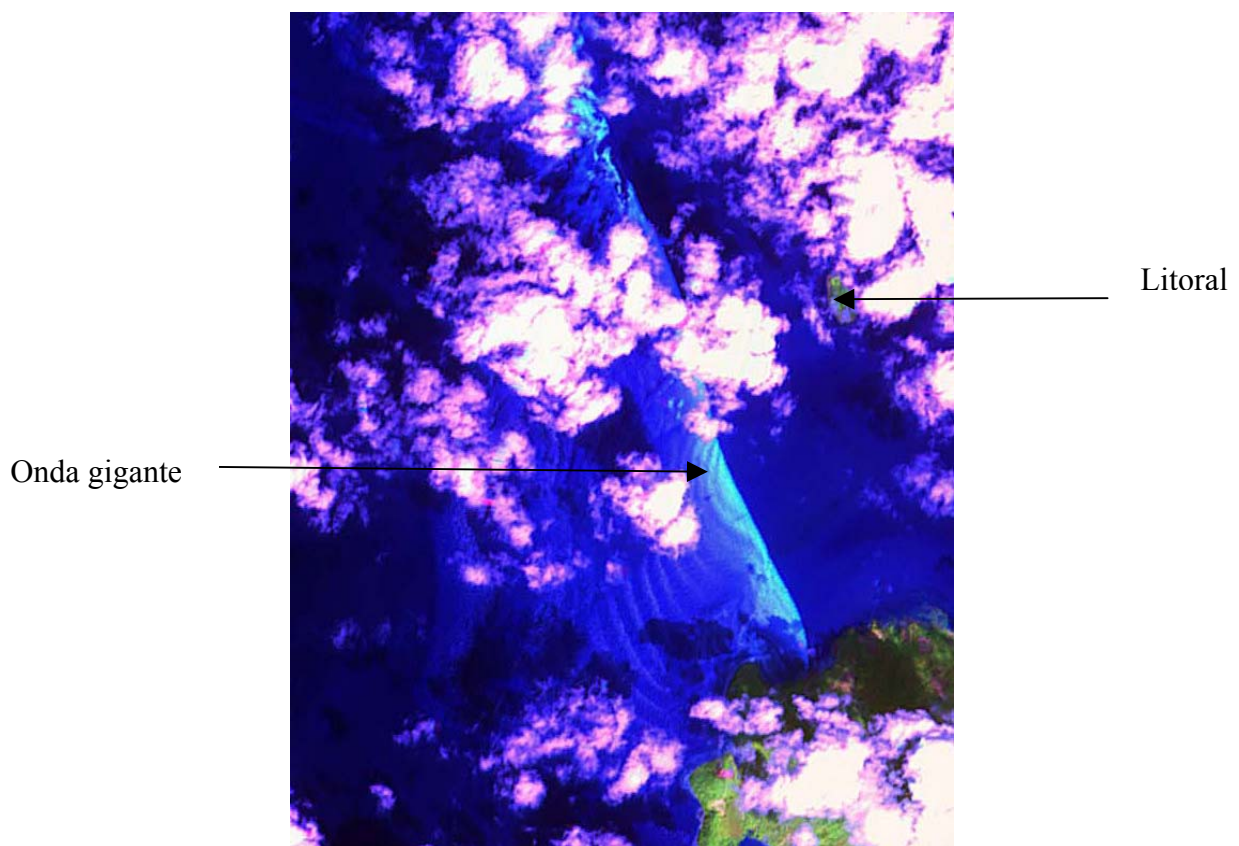
O turismólogo percebe as cataratas como um destino turístico requisitado pelos consumidores. Avalia as condições técnicas de transporte, hospedagem, infra-estrutura no sítio, custo/benefício das atividades, etc.

Com certeza, a partir de 2005, a análise dos riscos deverá fazer parte, ainda mais, das preocupações, tanto dos turistas quanto dos turismólogos. As populações dos países ricos estão acostumadas a avaliar riscos e pagar seguros para isso. Os sistemas de saúde nacionais, os contratos temporários de apólices para viagem fazem parte de seu dia-a-dia. A percepção da violência contra turistas, no Rio de Janeiro, altamente retransmitida e influenciada pela mídia, tem um impacto negativo na hora de os estrangeiros escolherem um destino para suas férias.

O recente maremoto do Oceano Índico, na Ásia do Sul, remete-nos à pergunta: para quê serve a Geografia? A população mundial ficou sabendo que essa região do globo não possuía um sistema de vigilância dos maremotos, tais como os que funcionam nos Oceanos Pacífico e Atlântico, assim como dos terríveis e incontroláveis efeitos das ondas gigantes (tsunamis) decorrentes do fenômeno (diversos especialistas já estão discutindo até que ponto era, de fato, incontrolável). Sendo o Oceano Índico rodeado de países pobres e muito populosos, na sua grande maioria, não possui esse tipo de infra-estrutura. Cientistas observaram o fenômeno natural (ver a figura 2), mas ficaram sem ação por falta de uma rede de comunicação integrada, eficaz, que pudesse lançar um aviso de perigo iminente. A magnitude e a violência do tsunami provocaram mais de 220.000 mortes, entre os quais, grande parte de turistas do mundo desenvolvido.

Entre as diversas notícias de tragédias individuais e pequenos milagres, a atuação de uma menina de dez anos chamou a atenção dos jornalistas (1) e, sem dúvida, dos professores de geografia em todo o mundo. O jornal inglês “The Sun” contou a história da pequena inglesa Tilly que salvou a vida de umas cem pessoas, na praia de Maikhao, na Tailândia, porque seu professor de Geografia lhe ensinara as características de um tsunami (súbito refluxo da água do mar e chegada, em dez minutos, aproximadamente, de uma onda gigante com um grande poder de destruição), a menina percebeu e entendeu o fenômeno e informou as pessoas ao seu redor para que deixassem a praia e se refugiassem em locais mais altos.

Essa notícia prova que o conhecimento constitui a melhor prevenção. Nesse caso, o conhecimento é de ordem geográfica e se aplica ao domínio das atividades turísticas. A maior parte das atividades turísticas é desenvolvida em locais específicos da superfície terrestre e o conhecimento de suas características geográficas é essencial. Com efeito, conhecimentos básicos sobre localização espacial, climas, fusos horários, características físicas, socioeconômicas, políticas e culturais são fundamentais para planejar atividades e prever infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento do turismo. Isso já é amplamente reconhecido. Um conceito emergiu, no século XX, como tema de uma nova linha de pesquisas: o conceito de risco.



Fonte: http://www.digitalglobe.com/images/tsunami/Banda_Aceh_Tsunami_Damage.pdf (Site visitado em 10 de janeiro de 2005)

Figura 2: A onda gigante chegando às costas da ilha de Sumatra.

4. Introdução ao conceito de risco

Veyret o caracteriza assim:

O risco, objeto social, se define como a percepção de um perigo, da catástrofe possível. (...) O risco é tomado, corrido, rejeitado. É estimado, avaliado, quantificado. O risco é a tradução de uma ameaça, de um perigo para aquele que lhe é submetido e o percebe como tal. (VEYRET, 2003, p.3)

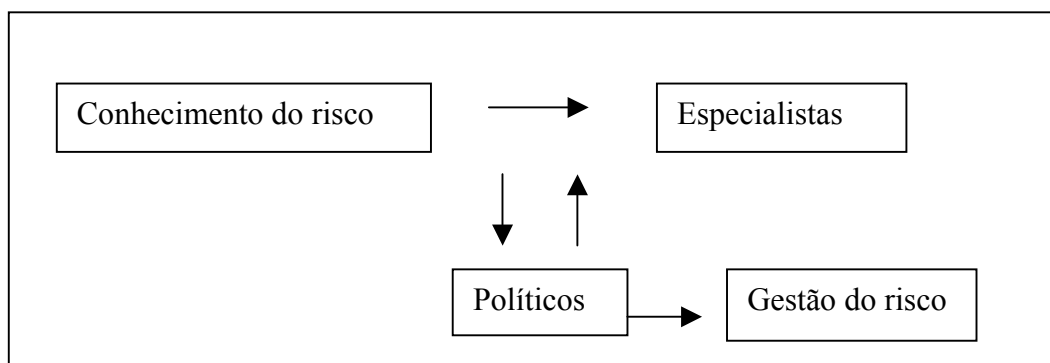
O sociólogo alemão Beck (apud VEYRET, 2003) em sua análise, observa que o conceito de risco é próprio do século XX, sendo um dos maiores componentes das sociedades desenvolvidas. O sociólogo descreve a evolução do conceito em três períodos:

- Em meados do século, o conceito de crise é associado aos aspectos ecológicos, tais como os impactos da industrialização e do crescimento demográfico, assim como econômicos (alta do preço do petróleo e aumento do desemprego). Essa fase corresponde à tomada de consciência do conceito, principalmente, pelos cientistas;
- No início da década de 80, o conceito de risco gira em torno da segurança ambiental e dos perigos trazidos pelas instalações de complexos industriais. A mídia e os técnicos são os principais responsáveis pelo seu desenvolvimento. Existe uma preocupação em eliminar os riscos;
- O terceiro momento é caracterizado pela preocupação em gerir o risco, uma vez que é reconhecido como “globalmente insuperável”, conceito desenvolvido pelas seguradoras e pelos juristas.

Veyret descreve três maneiras de abordagem do conceito de risco:

- Identificar e quantificar os eventuais efeitos danosos considerados como contornáveis por meio de uma articulação entre especialistas e tomadores de decisão. (VEYRET, 2003, p.9).

O autor lembra que, sempre, há um desnível entre o entendimento da gravidade do risco concebido pelos técnicos, pelas autoridades políticas e pelo público. A figura 3 representa a articulação entre os especialistas e os tomadores de decisão.



Fonte: Veyret, p.9.

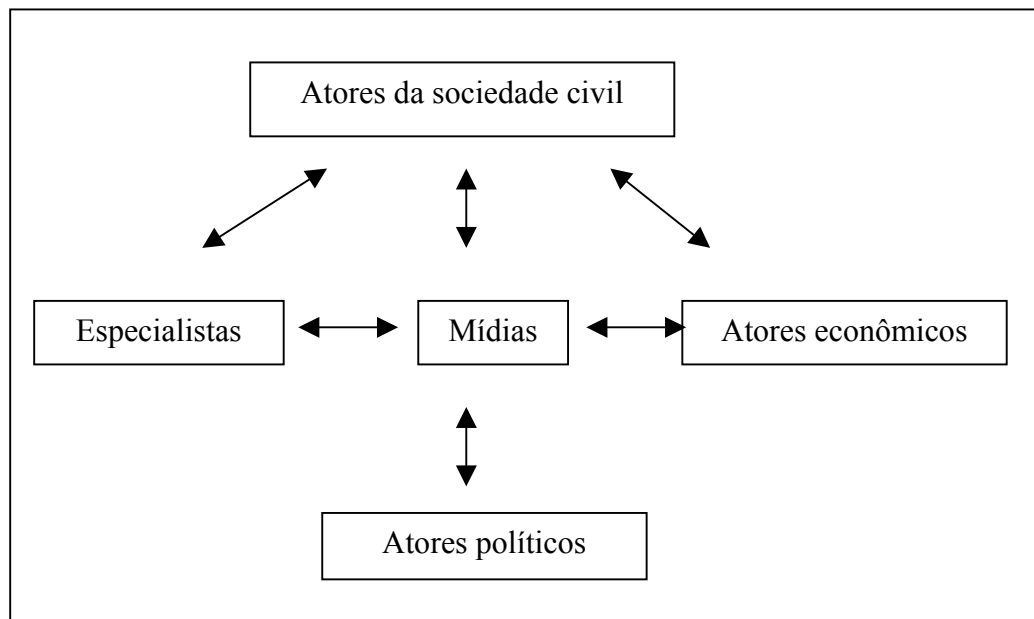
Figura 3: Articulação entre os especialistas e os tomadores de decisão.

A intervenção do turismólogo, na gestão do risco, acontece em dois níveis: como especialista, na elaboração de um plano ou projeto, e como tomador de decisão, na sua execução.

- “A intervenção dos atores da sociedade civil”:

Veyret lembra o papel fundamental dos “atores da sociedade civil” para alertar, denunciar perigos e levar os fatos ao conhecimento do grande público, iniciando e provocando amplo debate a respeito de riscos que afetam as populações, muitas vezes, muito além das fronteiras políticas. Ela lembra, ainda, que boatos e notícias distorcidas podem ter efeitos danosos, às vezes piores do que o próprio fato ocorrido, avivando, assim, conflitos entre grupos de interesses diversos. A figura 4 ilustra a intervenção dos atores da sociedade civil.

No caso da tragédia na Ásia, os atores da sociedade civil foram os habitantes dos litorais atingidos e os turistas. Com certeza, a volta dos turistas às áreas atingidas pelo tsunami vai depender do entendimento do fenômeno em si e da avaliação da probabilidade disso acontecer de novo, assim como das medidas de segurança tomadas. Nessa decisão, o fator psicológico, largamente influenciado pelas imagens, depoimentos transmitidos pela mídia e comentários dos diversos atores (turistas estrangeiros, população local, donos de hotéis (quase sempre estrangeiros!), militares nacionais e estrangeiros, representantes locais, voluntários de ONGS), terá um peso muito importante.



Fonte: Veyret, p.10.

Figura 4: Intervenção dos atores da sociedade civil.

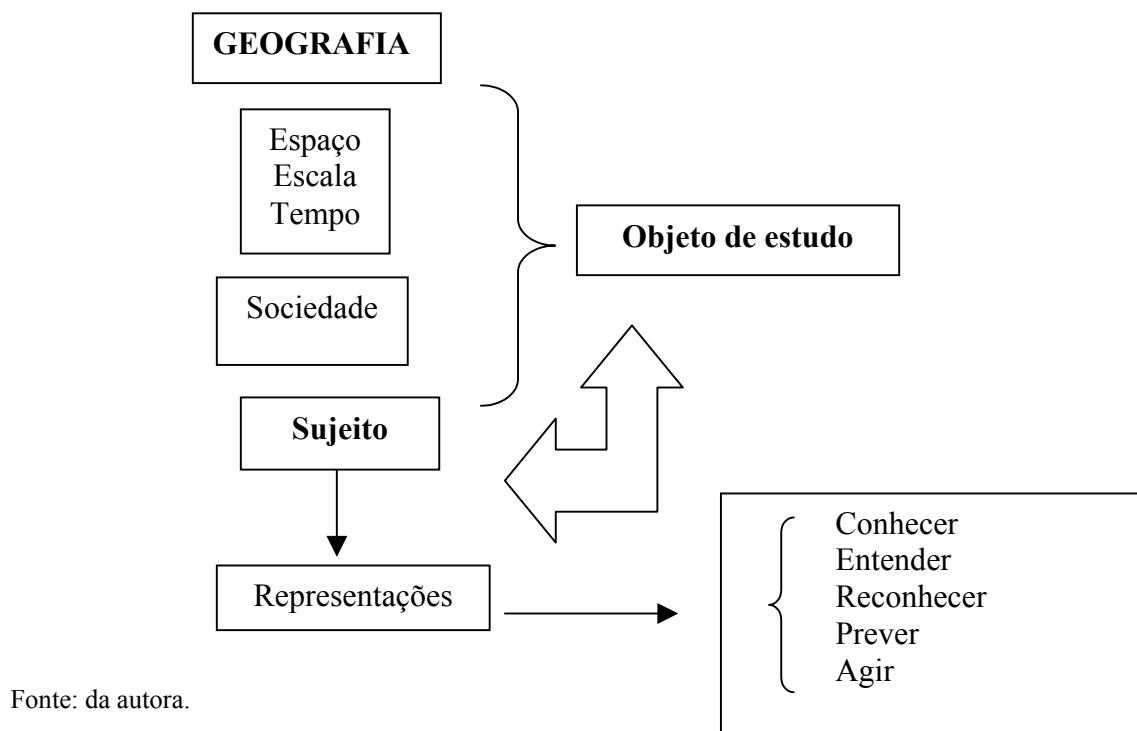
- A construção do risco é associada ao jogo dos atores, à natureza e amplitude de suas ligações. Essa construção do risco é função dos instrumentos, dos meios que os atores utilizam: séries estatísticas, probabilidades, mapas, pesquisas de opinião, relatórios de seguradoras, emissões de rádio, televisão. O grau de definição, de apreensão de um risco é, portanto, neste caso, função da quantidade de dados disponíveis. (VEYRET, 2003, p.10)

Fica evidente a necessidade de desenvolver pesquisas transversais, multidisciplinares e integradas, de modo a cercar o maior número de fatores, cuja resultante revelará riscos para a humanidade.

5. O papel da Geografia

“A geografia pode reivindicar um lugar nessa abordagem transdisciplinar? O tema ‘risco’ pertence ao leque de suas preocupações?” são perguntas de Veyret. Para esse autor, como uma parte dos riscos é de natureza ambiental, a ligação do tema fica evidente. Quando o risco envolve a dimensão social, a Geografia, também, reconhece seus temas de interesse, ou seja, as relações entre sociedade e espaço e suas traduções e implicações espaciais. As zonas e os tipos de riscos, de formas e superfícies variáveis podem ser cartografadas em diversas escalas, tanto espaciais quanto temporais.

Pode-se esboçar uma resposta à pergunta “para quê serve a Geografia?” à luz das considerações anteriores, em particular o caso da menina inglesa. A figura 5 ilustra as relações entre a Geografia e seu papel para a sociedade, numa perspectiva de ensino-aprendizagem.



Fonte: da autora.

Figura 5: Relações entre a Geografia e seu papel para a sociedade, numa perspectiva de ensino-aprendizagem.

O professor de Geografia de Tilly apresentou as possíveis conseqüências de um terremoto submarino, os tsunamis (objeto de estudo), para seus alunos. Com certeza, explicou

onde podem ocorrer, qual é sua escala de atuação e em quanto tempo acontecem (espaço, escala, tempo e processo), assim como as conseqüências para as populações que vivem nos litorais.

Ao entender a lição de Geografia, Tilly formou uma imagem mental do fenômeno (conhecimento), entendeu o que estava acontecendo, reconheceu o fato anormal de a água do mar refluir, rapidamente, mais de 300 metros e previu sua volta, sob a forma da onda gigante, o que a fez agir, chamando a atenção das pessoas para a necessidade de deixar o local e procurar lugares elevados. Nesse caso, a Geografia serviu para salvar a vida de muitas pessoas.

6. Conclusão

Um fenômeno natural dessa envergadura, mesmo se era, em parte, previsível e que muitas vidas poderiam ter sido salvas, não acontece, nem deve acontecer com frequência. Em contrapartida, fenômenos locais, tais como deslizamentos de terrenos e inundações, avalanches de neve, tempestades, ciclones, irrupções vulcânicas, incêndios, violência urbana, conflitos armados ou atentados estão presentes na mídia do mundo inteiro, a cada dia.

Portanto, riscos são permanentes, de formas e amplitudes variadas. Os conceitos básicos da Geografia são ferramentas essenciais para análises espaciais, em diversas escalas e temporais.

Para os geógrafos e turismólogos interessados no planejamento das atividades turísticas, um dos ensinamentos que se pode tirar dessa tragédia é a necessidade de incluir, definitivamente, o conceito de risco nos seus estudos. A gestão do risco e a noção de destino seguro são conceitos que se tornam, ainda mais, itens de planejamento. Para tanto, a Geografia desenvolveu, junto com outras ciências, metodologias valiosas, baseadas na exploração de ferramentas ágeis e, portanto, indispensáveis para o desenvolvimento de trabalhos dos estudiosos, tais como a Cartografia Digital, os Sistemas de Posicionamento Global (GPS), as imagens obtidas por sensores remotos (máquinas fotográficas, satélite, radar, sonar, etc.). Novas tecnologias possibilitam o monitoramento de fenômenos naturais e de riscos ambientais, ou de qualquer natureza, em tempo real.

Para estudos prospectivos utilizam-se as ferramentas dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Os meios existem. Falta uma maior integração entre especialistas de áreas de conhecimento diversas. Uma reflexão aprofundada sobre o papel de cada metodologia aplicada a cada tipo de risco deverá ser o tema de futuras pesquisas, no contexto dos estudos sobre o turismo.

7. Bibliografia

- ALLEGRE, Claude. **Quand on sait tout on ne prévoit rien... et quand on ne sait rien on prévoit tout**. Paris: Editions Robert Laffont, 2004.
- CRUZ, Rita de C. A. da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Editora Roca Ltda. 2001.
- FERRETTI, Eliane R. **Turismo e Meio Ambiente: uma abordagem integrada**. São Paulo: Editora Roca Ltda. 2002.
- FREMONT, Á. **La région espace vécu**. Paris: PUF, coll. Sup., 1976.
- GARANDERIE, de la J. **Le dialogue pédagogique avec l'élève**. Paris: Le Centurion, 1984.
- LACOSTE, Yves. **La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre**. Paris: Petite collection Maspéro, 1976.
- LESANN, J. G. Percepção do espaço na 1º série do primeiro grau. **Revista Geografia e Ensino**. Belo Horizonte, 13/14(3): 43-50, dez 1992.
- LE SANN, J. G.; VALADÃO R. C. **Relatório Final de Atividades do CAP – GEOGRAFIA**. Belo Horizonte: UBEE, 2003.
- LOZATO-GIOTART, Jean-Pierre. **Géographie du tourisme. De l'espace consommé à l'espace maîtrisé**. Paris: Pearson Education France. 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Geografia**. Brasília: MEC, 1997.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- PARIS NORMANDIE. **Une fillette de 10 ans sauve 100 personnes**. Paris Normandie, Rouen, 03 Jan 2005.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. **La représentation de l'espace chez l'enfant**. Paris: PUF, 1948.
- BOITEUX, B. **Tsunami e turismo**. Disponível em: <http://www.estudoturísticos.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=%203793>. Acesso em: 4 jan 2005.
- GLOBO ONLINE. Tragédia na Ásia terá impacto limitado no turismo mundial, diz OMT. **O Globo**, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.estudoturísticos.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=%203934>. Acesso em: 10 jan 2005.
- VEYRET, Yvette. **Les risques**. Paris: SEDES, 2003. Coll Dossiers des Images du Monde.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. **Principes de la géographie humaine**. Paris:A. Colin, 1922.
- YI-FU-TUAN. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

(1) Paris Normandie. *Une fillette de 10 ans sauve 100 personnes*. Journal du 03/01/2005.

“Tilly, une petite anglaise de 10 ans a sauvé la vie d'une centaine de personnes à Phuket en Thaïlande grâce à son professeur de géographie qui leur avait expliqué comment repérer un tsunami, a rapporté la presse britannique samedi.

Déjà baptisée “l'ange de la plage” par le Sun qui a révélé cette histoire, Tilly a compris, dimanche, qu'un tsunami était sur le point de frapper les côtes de la Thaïlande en se rappelant une récente leçon de géographie sur les séismes sous-marins et les tsunamis.

“Lors du dernier trimestre, M. Kearny nous avait parlé des tremblements de terre et de la façon dont ils peuvent provoquer des tsunamis” a expliqué Tilly, samedi à la Une du

Sun, le journal le plus vendu en Grande-Bretagne avec près de 3,5 millions d'exemplaires chaque jour.

“J’étais sur la plage et l’eau est devenue bizarre, il y avait des bulles et soudain la marée à commencer à se retirer. J’ai compris ce qui se passait, j’ai eu le sentiment qu’un tsunami allait arriver et je l’ai dit à maman”, a raconté la fillette, permettant l’évacuation de la plage et de l’hôtel voisin avant l’arrivée du raz-de-marée.

Un réflexe

Grâce au réflexe de la fillette, en vacances en Thaïlande avec ses parents et sa petite sœur de 7 ans, personne n’a été tué ou sérieusement blessé sur la plage de Maikhao, selon le Sun. Interrogé par le journal, Andrew Kearney, le professeur de géographie de Tilly, à Oxshott, dans le Surrey (sud de l’Angleterre), a confirmé avoir expliqué à ses élèves qu’à partir du moment où la mer se retirait, il y avait 10 minutes pour réagir avant l’arrivée du tsunami.”